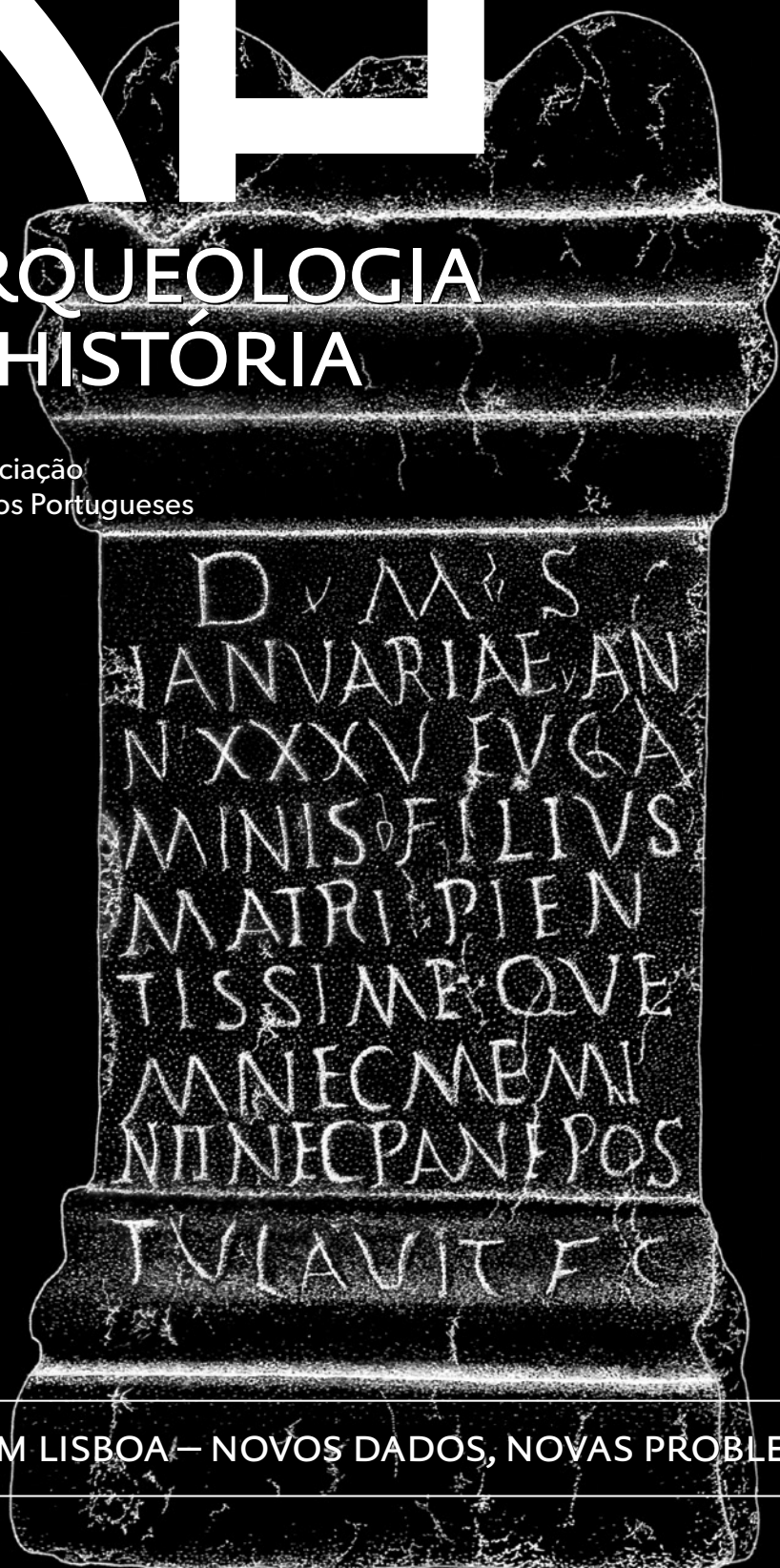


# ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 71-72



---

A MORTE EM LISBOA— NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**71-72**

Ano de Edição

**2022**

Anos Associativos AAP

**2019-2020**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Ara funerária romana de Entrecampos (desenho César Neves)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

## **A MORTE EM LISBOA – NOVOS DADOS, NOVAS PROBLEMÁTICAS**

9 A Morte em Lisboa – Novos dados, novas problemáticas

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

13 Morrer em Lisboa. Contextos e contributos arqueológicos

Margarida Ataíde

25 ‘*et sepultus est*’ – A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo

Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves Cardoso

35 Biografias na Morte: visitar o Hospital Real de Todos-os-Santos, no séc. XVIII, através das evidências bioarqueológicas

Francisca Alves Cardoso, Sílvia Casimiro, Jennifer Loughton, Rodrigo Banha da Silva, Sandra Assis, Nicholas Marquéz-Grant

45 Os enterramentos do claustro do Convento do Santíssimo Rei Salvador (Santa Maria Maior)

Nathalie Antunes-Ferreira, Nuno Mota

57 Vida e morte das freiras do Convento de Santana

Nathalie Antunes-Ferreira

73 Espólios funerários do Convento de Santana em Lisboa (campanha de 2002-2003)

Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Carlos Boavida, Joana Gonçalves

91 As necrópoles da Igreja e Convento do Carmo: intervenção arqueológica (2013/2015)

António Marques, Raquel Santos

105 Enterramentos no Largo do Coreto em Carnide: vestígios do cemitério da Ermida do Espírito Santo

Susana Garcia, Ana Caessa, Nuno Mota

119 Debaixo do vão de escada: o inusitado conjunto osteológico humano do extinto Tribunal da Boa Hora, Lisboa

Marina Lourenço, Inês Simão, Lucy Shaw Evangelista, Catarina Furtado

## **ARTIGOS**

133 Novedades de arte rupestre premagdalenense en el centro de la región cantábrica (España)

Ramón Montes Barquín, Roberto Ontañón Peredo

145 A exploração e consumo de laticínios na pré-história europeia: uma abordagem a partir das “queijeiras” do Ocidente Peninsular

Lucas Barrozo

159 O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja). *Notas sobre a campanha de escavação de 2019*

César Neves, José Morais Arnaud, Mariana Diniz, Andrea Martins

185 Um novo epitáfio de *Olisipo*: a ara funerária romana de Entrecampos (Lisboa)

José Morais Arnaud, José d’Encarnação, César Neves

## **ARTIGOS. DO CARMO A SÃO VICENTE – PARTE II**

193 Colóquio de homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)

Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida

- 195 Do Vicente ao Vencimento, um mosteiro e um convento. Dois contributos para a divulgação de dados histórico-arqueológicos  
Carlos Boavida
- 207 Marfins afro-portugueses de São Vicente de Fora (séculos XV-XVI)  
Mário Varela Gomes
- 219 Castidade ou penitência? O “cinto” em ferro do Mosteiro de São Vicente de Fora  
Tânia Manuel Casimiro, António Augusto Branco
- 225 D. João VI – um caso de envenenamento revisitado  
Sandra Coelho
- 235 S. Vicente de Fora – meio século de actividade arqueológica  
Nuno F. Poínhas Pires

## **RELATÓRIOS**

- 251 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2019  
José Morais Arnaud
- 257 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2020  
José Morais Arnaud
- 261 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 265 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 269 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2019. Plano de Actividades para o Ano 2020  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 273 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2020. Plano de Actividades para o Ano 2021  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 275 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 287 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 291 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2019  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 293 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do ano 2020  
Jacinta Bugalhão, Miguel Lago, Rodrigo Banha da Silva
- 295 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2019  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 297 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2020  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 299 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2019  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 307 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VN3000). Relatório de Actividades do Ano 2020  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# ESPÓLIOS FUNERÁRIOS DO CONVENTO DE SANTANA EM LISBOA (CAMPANHA DE 2002-2003)

---

Mário Varela Gomes<sup>1</sup>, Rosa Varela Gomes<sup>2</sup>, Carlos Boavida<sup>3</sup>, Joana Gonçalves<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa / mv.gomes@fcsh.unl.pt

<sup>2</sup> Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa / rv.gomes@fcsh.unl.p

<sup>3</sup> Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / cmpboavida@gmail.com

<sup>4</sup> Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa / joanafrgoncalves@fcsh.unl.pt.

## Resumo

Durante a primeira campanha de escavação arqueológica realizada no antigo Convento de Santana, em Lisboa, identificaram-se dezoito sepulturas de inumação, com diferentes estados de conservação, assim como diversificado espólio a elas associado. Este inclui vestígios pertencentes aos esquifes e, em particular, objectos de devoção (contas de rosário ou de terços e medalhas) a par de outros próprios do vestuário e alguns adereços. A maioria das inumações, tanto daquelas em que os corpos foram apenas envolvidos numa mortalha, como as que tiveram esquife de madeira, encontram-se orientadas no sentido nordeste-sudoeste e ocupavam a ala sul do claustro do convento. Foram escavadas apenas três sepulturas na ala nascente daquela edificação e, portanto, com orientação distinta das antes referidas.

**Palavras-chave:** Convento, Sepultura, Inumação, Alfinete, Medalha, Conta.

## Abstract

During the first archaeological excavation season that took place in the ancient Santana Convent, in Lisbon, eighteen inhumation graves were identified, with different grades of conservation as well as diversified grave goods to them associated. It included several remains from the coffins, some devotion objects (rosary beads and medals) alongside with several other objects belonging to clothing and some adornments. The majority of the inhumations, both those whose bodies were only in shroud and those in wooden coffins, were oriented northeast-southwest and occupied the east wing of the cloister. Only three graves were excavated in the north wing, presenting different orientation of those abovementioned.

**Keywords:** Convent, Grave, Inhumation, Pin, Medal, Bead.

## 1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Erguido segundo projecto de Miguel Arruda, o Convento de Santana foi mandado construir por D. Catarina de Áustria, viúva de D. João III (1502-1557), por solicitação de Violante da Conceição, junto de pequena ermida daquela invocação, existente no topo da colina com o mesmo nome, tendo sido ocupado a partir de 1562. Várias foram as obras de ampliação e melhoramento daquele espaço que, nos finais do século XVII, chegou a albergar mais de 300 pessoas, entre professoras e outras pessoas com diferentes funções (Gomes & Gomes, 2007: 76).

O complexo conventual foi muito afectado pelo Terramoto de 1755, nomeadamente a parte da igreja e os dormitórios, embora então recebesse religiosas de outros conventos que ficaram arrasados, tendo sido posteriormente reconstruído.

A extinção das ordens religiosas ditou o fim daquela casa, tal como das restantes existentes no país, sendo encerrada definitivamente em 1884, com a morte da última freira, a 4 de Maio daquele ano. A maior parte dos edifícios que se erguiam na cerca foram demolidos alguns anos mais tarde, para dar lugar ao Real Instituto Bacteriológico, depois Real Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana, inaugurado em 1900, com o apoio da rainha D. Amélia (1865-1951).

Antes do seu desaparecimento teve lugar levantamento da planta daquele espaço, o que permite que se conheça de forma genérica a sua organização (Gomes & Gomes, 2007: 76). A igreja localizava-se na esquina formada pela Rua do Convento de Santana e a Travessa das Freiras de Santana, estando a porta travessa do templo na primeira. Na ala a oeste da igreja ficava a portaria que permitia o acesso ao convento. A norte daquela situava-se o claustro, de planta quadrangular, no centro do qual existia poço e cisterna de dimensões assinaláveis. Ao longo da face este da cerca, a norte da igreja, erguiam-se os dormitórios e instalações diversas.

## 2. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA DE 2002-2003

Devido a solicitação da Tutela (Instituto Português do Património Arquitectónico e Instituto Português de Arqueologia), tendo como objectivo a salvaguarda, real ou documental, de estruturas e espólios na área onde se ergueu o antigo Convento de Santana, de Lisboa, tal como possíveis pré-existências ou, até, testemunhos mais recentes, dada a pretensão da Universidade

Nova de Lisboa em ali edificar instalações da sua Faculdade de Ciências Médicas, realizaram-se trabalhos arqueológicos, dirigidos pelos dois primeiros signatários. Foi então elaborado projecto de investigação que compreendia a escavação da área a afectar pelas novas instalações e contemplava tanto a valorização como a divulgação dos espólios descobertos, respondendo ao cumprimento da legislação em vigor.

A quando do início da nossa intervenção tinham já sido demolidos alguns edifícios do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana, cuja construção foi responsável pelo desaparecimento da Igreja e Convento de Santana, em 1897, e pela dispersão do seu património móvel (azulejos, pinturas, alfaia religiosa, livros, mobiliário diverso, baixelas, equipamento da botica, etc.), considerado um dos mais ricos conventos da capital.

Além de se ter escavado profundo poço, duas grandes fossas de detritos e de se terem posto à vista sectores de alicerces da igreja e do convento, também se exumaram as dezoito sepulturas agora publicadas. Vários textos têm dado a conhecer os copiosos espólios exumados nas ruínas do antigo Convento de Santana de Lisboa (Gomes & Gomes, 2007; Gomes *et alii*, 2013; Gomes, Gomes & Casimiro, 2015; 2016), contribuindo para a divulgação de tal acervo, enquanto não surgirem os meios para a realização de uma enorme monografia.

Nos trabalhos de campo colaboraram duas arqueólogas Dr.as Sónia Duarte Ferreira e Carla Lemos Estrela, a escavação do espólio osteológico esteve a cargo do Dr. Luís Campos Paulo, enquanto os registos gráficos se devem à desenhadora Dr.ª Ana Cristina Machado Nunes. Mais tarde, em laboratório, contámos com o concurso dos Drs Teresa Barbosa e Rodolfo Manaia. Nos trabalhos de campo colaboraram os alunos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Ana Alcântara, Ana Maria Carmo, Ana Rita Trindade, Ana Filipa Rodrigues, Carla Andreia Torres, José Luís da Silva, Inês Soares, Rui Gomes Coelho, Tânia Manuel Casimiro e Teresa Ferreira, contando com o auxílio de três operários não especializados. Todas as despesas foram suportadas pelos Serviços de Acção Social e pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

## 3. A NECRÓPOLE

A necropolização no Convento de Santana ocupava os espaços anexos a poente da sua igreja, conforme alguns textos relatam e as escavações confirmaram. Ali se encontrava o claustro, com duas alas usadas para

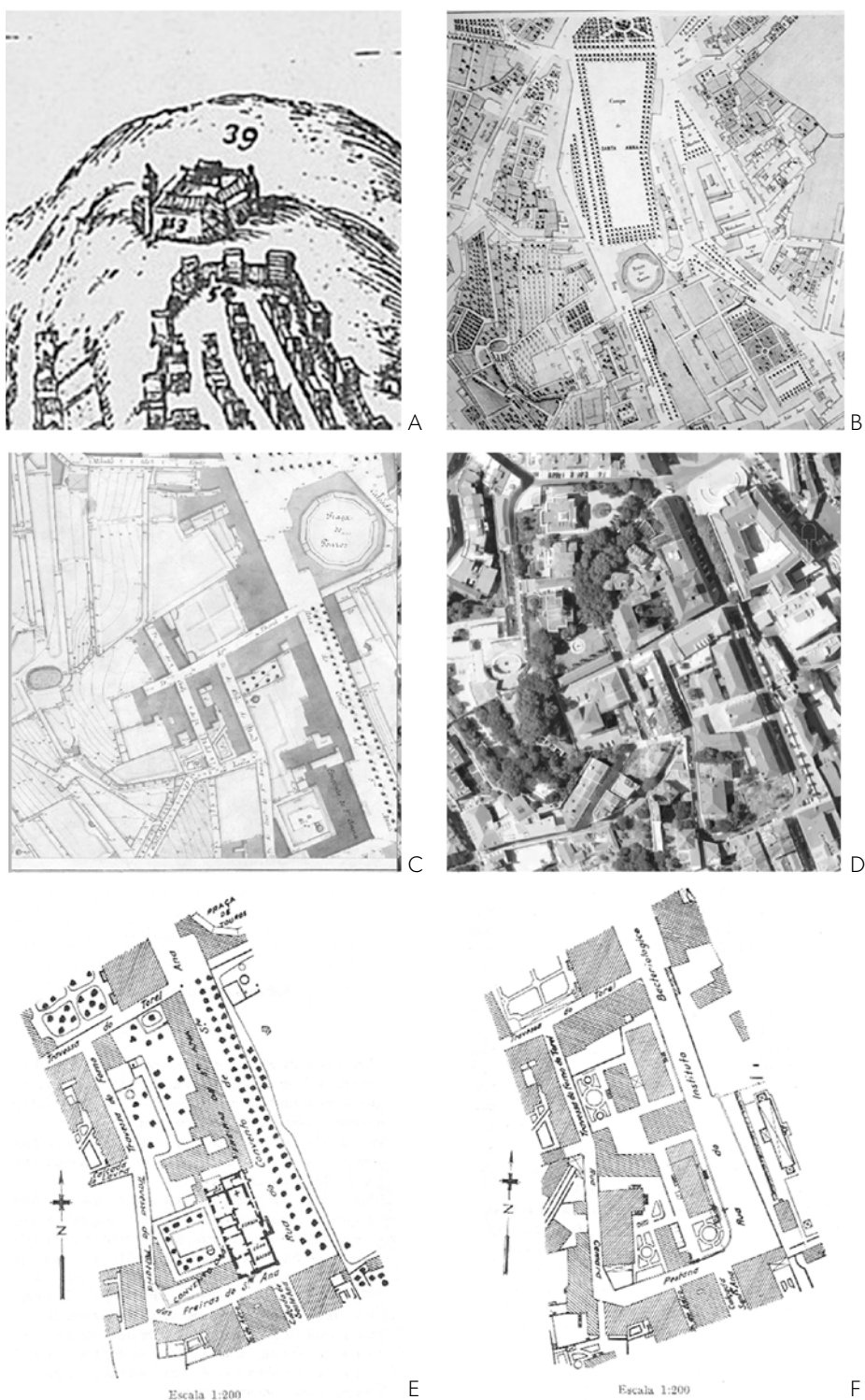


Figura 1 – Convento de Santana. Localização e plantas. A. Segundo Georg Braun, vol. V de *Civitatis Orbis Terrarum* (1598); B. Sector de planta de Lisboa, dos finais do século XVIII (seg. A. Vieira da Silva, 1950, planta nº 4); C. Levantamento mandado efectuar por R. Folque (1856/1858); D. imagem do Google Earth, 2009; E. Levantamento de 1871; F. Levantamento de 1910, do Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana (E. e F. Colecção de A. Vieira da Silva, do Gabinete de Estudos Olisiponenses – Câmara Municipal de Lisboa).

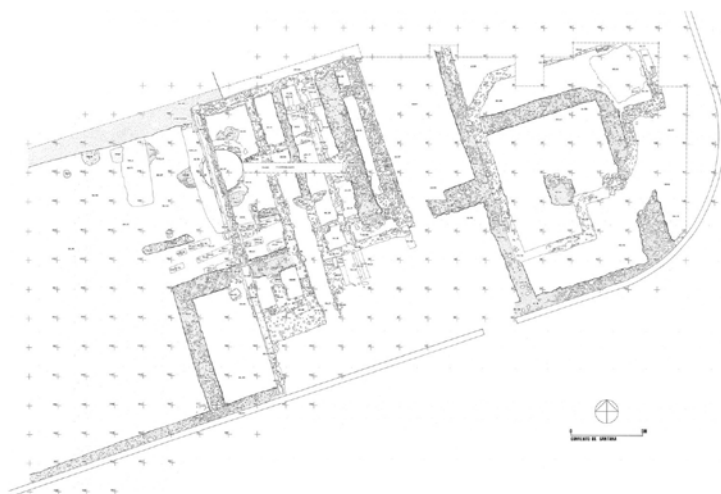
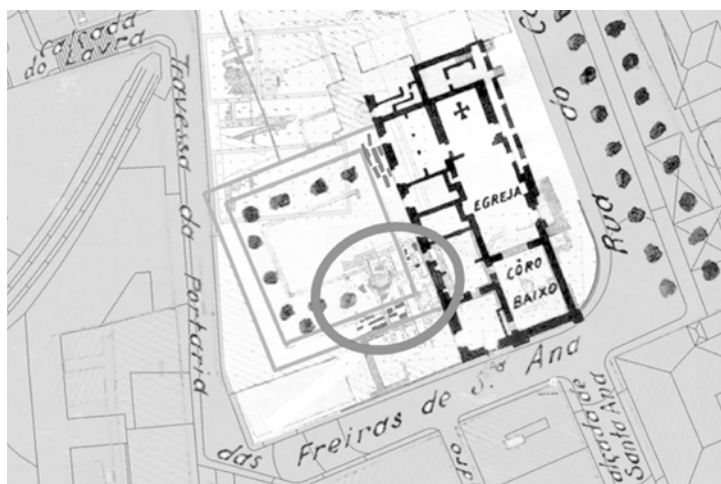


Figura 2 – Convento de Santana – Pormenor da planta de 1871 e levantamento arqueológico de 2003.

tal fim, aspecto que a escavação efectuada em 2009-2010 viria a revelar. De facto, nos espaços correspondentes a parte das alas nascente e sul do claustro, desenhando ângulo recto entre si, foram escavadas em 2002-2003 dezoito sepulturas de inumação, a maioria das quais danificadas, devido às obras ali efectuadas durante a edificação das instalações do Real Instituto Bacteriológico ou ulteriores (abertura de condutas para saneamento, electricidade, etc.).

Conforme o ritual cristão, dos séculos XVI a XVIII, a totalidade das sepulturas correspondiam a inumações, preferencialmente orientadas no sentido poente-nascente, com a cabeça dirigida para aquela primeira direcção.

#### Sepultura 1 (Qs 8 e 13)

Apresentava fossa, com planta de forma sub-rectangular, medindo 1,52 m de comprimento e 0,50 m de largura máxima, orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Os vestígios antropológicos, dos quais se conservavam apenas fragmentos de ossos do tronco (esterno, costelas e bacia), mas indicando que a cabeça estaria dirigida para poente, o corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, encontravam-se cobertos por espessa camada de cal. Os testemunhos antropológicos correspondiam a indivíduo do género feminino, não adulto. Recolheram-se numerosos pregos de ferro, por certo pertencentes ao esquife, assim como tachas de liga de cobre, que podem ter servido para fixar o forro daquele.

Sobre os testemunhos do esqueleto, na zona do peito, detectaram-se pedaços de corpete, de veludo, com uma dezena de colchetes de cobre alinhados na vertical. Com os ossos das mãos recuperou-se medalha, com contorno oval, a que estavam colados restos de tecido, e, na zona do peito, conjunto de contas, de osso, de forma esférica ou tubular (em balaústre), talvez fazendo parte de rosário. Recolheram-se trinta e cinco contas de osso, um prego de ferro, quinze alfine-

tes, dez pares e meio de colchetes, duzentas e trinta e três tachas e uma medalha, em liga de cobre.

Sobrepunha a sepultura 17.

### Sepultura 2 (Q 14)

A fossa funerária, orientada no sentido sudoeste-nordeste, mostrava planta de forma sub-trapezoidal, medindo 1,28 m de comprimento total e 0,65 m de largura máxima (área mesial), tendo sido cortada por muro recente, situado a poente.

Foram identificados vestígios de inumação, da qual se conservavam ossos do tronco e dos membros, nomeadamente dos inferiores. Os testemunhos osteológicos surgiram em *decubitus* lateral, sendo os únicos desta necrópole que mostravam tal disposição, encontrando-se orientados com a cabeça dirigida para sudoeste. Os braços jaziam flectidos frente ao peito e as duas pernas estavam dobradas e sobrepostas, na típica posição contraída ou fetal. Sobre os restos osteológicos detectou-se camada de cal.

Junto aos ossos das mãos recuperaram-se alguns alfinetes, de liga de cobre. Foram ainda identificados alguns pregos, de ferro, que podem corresponder ao esquife. No caso de este ter existido, a posição do sepultamento é claramente anómala, podendo corresponder a aspecto motivado por doença, posição adquirida aquando da morte, seguida por rigidez mórbida ou a enterrado-vivo que se terá movimentado.

### Sepultura 3 (Qs 9 e 14)

Testemunhos de inumação, depositada em esquife de madeira, de que surgiram os pregos de ferro, colocada em fossa, mostrando planta de forma rectangular. A zona pervinente da fossa, orientada no sentido nascente-poente, media 0,80 m de comprimento e 0,44 m de largura máxima.

Este enterramento foi amputado por muro, situado a poente, conservando-se apenas, *in situ*, algumas vértebras e costelas, ossos do braço esquerdo, dobrado sobre o peito, tal como ossos da bacia.

Foram recuperadas duas contas de osso, seis alfinetes, quatro tachas, seis fragmentos de arame e medalha, em liga de cobre/bronze.

Sobrepunha a sepultura 14.

### Sepultura 4 (Q 8)

Detectou-se um dos bordos da fossa funerária, tendo este enterramento sido afectado pela construção de uma parede e de valas diversas. A parte conservada media 0,70 m de comprimento e 0,30 m de largura.

O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, orien-

tado no sentido nordeste-sudoeste, com a cabeça voltada para aquela primeira direcção.

Reconheceram-se restos de inumação, constituídos pela coluna vertebral, tal como por alguns ossos das cinturas escapular e pélvica.

Identificaram-se dois pregos de ferro, colchetes, uma medalha, na zona do pescoço, alfinetes e tachas de liga de cobre.

Foi parcialmente sobreposta pela sepultura 5.

### Sepultura 5 (Q 9)

Inumação em fossa. A parte que subsistia da fossa funerária media 1,03 m de comprimento e cerca de 0,50 m de largura máxima (área mesial), encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

O corpo foi depositado em esquife, na posição de *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. Os membros inferiores encontram-se amputados devido à edificação de parede, situada a poente. A coluna vertebral evidenciava acentuada curvatura, conservando-se, apenas, os ossos do braço direito, com a extremidade cruzada sobre o peito, assim como restos dos ossos da bacia. A zona oposta, assim como o crânio, apresentavam alterações pós-deposicionais, que perturbaram o posicionamento inicial do corpo.

Detectaram-se contas de colar, de osso, medalha com contorno octogonal, de liga de cobre, colchetes e alfinetes naquele mesmo metal, assim como travessa de carapaça de tartaruga.

Sobrepunha a sepultura 4.

### Sepultura 6 (Qs 181 e 188)

A fossa funerária mostrava planta de forma sub-rectangular, com nicho para a cabeça, medindo 1,57 m de comprimento, 0,34 m de largura na zona da cabeceira e 0,50 m de largura máxima (área mesial), encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

No lado poente da sepultura, a cerca de 0,10 m, corria parede do claustro.

Da inumação previveram, principalmente, os ossos longos do braço direito e os dois fémures, tendo o corpo sido depositado em *decubitus* dorsal, com a cabeça dirigida para nordeste. Pelo menos um dos antebraços encontrava-se junto ao tronco e a extremidade do braço correspondente estava dobrada sobre o ventre. As pernas, estendidas, convergiam nos pés.

Detectaram-se tachas e alfinetes de liga de cobre.

### Sepultura 7 (Q 180)

A fossa funerária apresentava planta de forma oval alongada, medindo 0,48 m de largura máxima (área

mesial), oferecendo, actualmente, 1,20 m de comprimento e encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Detectaram-se restos de inumação, amputada no terço correspondente aos pés, conservando-se, apenas, ossos dos membros superiores, da cintura pélvica e numerosas esquirolas. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. Os dois antebraços encontravam-se ao lado do tronco e a extremidade do braço direito repousava dobrada sobre o ventre.

Na zona da cabeça foram recuperados alguns dentes, assim como contas de rosário, de osso e de vidro, estas muito pequenas (missangas), nas áreas correspondentes ao pescoço e peito. Foram ainda exumados colchetes, alfinetes, assim como fragmentos de pequeno arame, de liga de cobre.

#### Sepultura 8 (Q 180)

Identificaram-se vestígios de fossa funerária, com planta sub-trapezoidal e com nicho para colocação da cabeça. Media 1,61 m de comprimento total, 0,24 m de largura na cabeça, 0,38 m de largura na zona dos ombros e apenas 0,20 m de largura, na extremidade correspondente aos pés, encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Da inumação conservava-se parte do crânio, reduzido número de ossos do tronco, dos membros superiores e os membros inferiores, em conexão anatómica. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. Os dois antebraços encontravam-se junto ao tronco e ambas pernas jaziam estendidas, convergindo nos pés.

Detectaram-se um prego de ferro, duas medalhas e tachas de liga de cobre.

#### Sepultura 9 (Q 173)

Identificou-se parte da fossa funerária, com planta de forma sub-rectangular, embora com nicho para a cabeça. Media 0,29 m de largura na cabeça, 0,48 m de largura nos ombros e o comprimento observado atingia 1,07 m, encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Trata-se dos restos de inumação, amputada no terço correspondente aos pés, mas de que se conservavam ossos do crânio, do tronco e de ambos pares de membros, a maioria dos quais em conexão anatómica. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, orientado com a cabeça voltada para nordeste. Os dois braços encontravam-se ao lado do tronco e o antebraço esquerdo repousava dobrado sobre o ventre. O frag-

mento que subsiste do fémur esquerdo, indica que a perna correspondente estaria estendida.

Perto da coluna vertebral foram detectados três pequenos pregos, de ferro, que poderiam encontrar-se nas terras que cobriram o cadáver aquando do seu enterramento, tendo-se ainda recolhido vinte seis alfinetes, vinte uma tachas e dois pares de colchetes, em liga de cobre.

#### Sepultura 10 (Qs 172 e 180)

Reconheceram-se restos da fossa funerária, com planta rectangular, embora amputada na zona correspondente às extremidades das pernas. Media 0,50 m de largura média e o seu comprimento ultrapassava 1,45 m, encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Identificaram-se testemunhos de inumação, de que subsistia parte do crânio, alguns ossos do tronco e de ambos pares de membros, alguns dos quais em conexão anatómica. O corpo foi depositado em esquife, na posição de *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. O braço direito, o único de que se conservaram restos, encontrava-se flectido, com a mão correspondente sobre o ventre. Os ossos das pernas jaziam distendidos, em posição sub-paralela.

Sobre a zona correspondente ao esterno reconheceram-se três colchetes de cobre e sobre a região do baixo-ventre exumou-se, entre os ossos do púbis e o fémur direito, pequena tesoura de ferro, fechada e com as pontas dirigidas para o baixo-ventre. Também se recuperaram duas pegas de caixão, de liga de cobre.

#### Sepultura 11 (Qs 172 e 180)

Fossa funerária, com planta de forma oval alongada, medindo 1,80 m de comprimento total e 0,53 m de largura máxima na zona mesial, orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Trata-se de inumação, de que se conservou parte do crânio, dos ossos do tronco e a quase totalidade dos elementos osteológicos dos membros. Parte da coluna vertebral e dos membros jaziam, ainda, em conexão anatómica. O corpo foi depositado em esquife, na posição de *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. O braço direito, o melhor conservado, apresentava a extremidade dobrada sobre o ventre e ambas pernas encontravam-se estendidas, convergindo nos pés.

Foram detectados restos de cal ao longo dos bordos maiores da fossa funerária, um tijolo sob a perna esquerda, assim como alguns pregos, de ferro, que poderão pertencer ao esquife de madeira, de que se

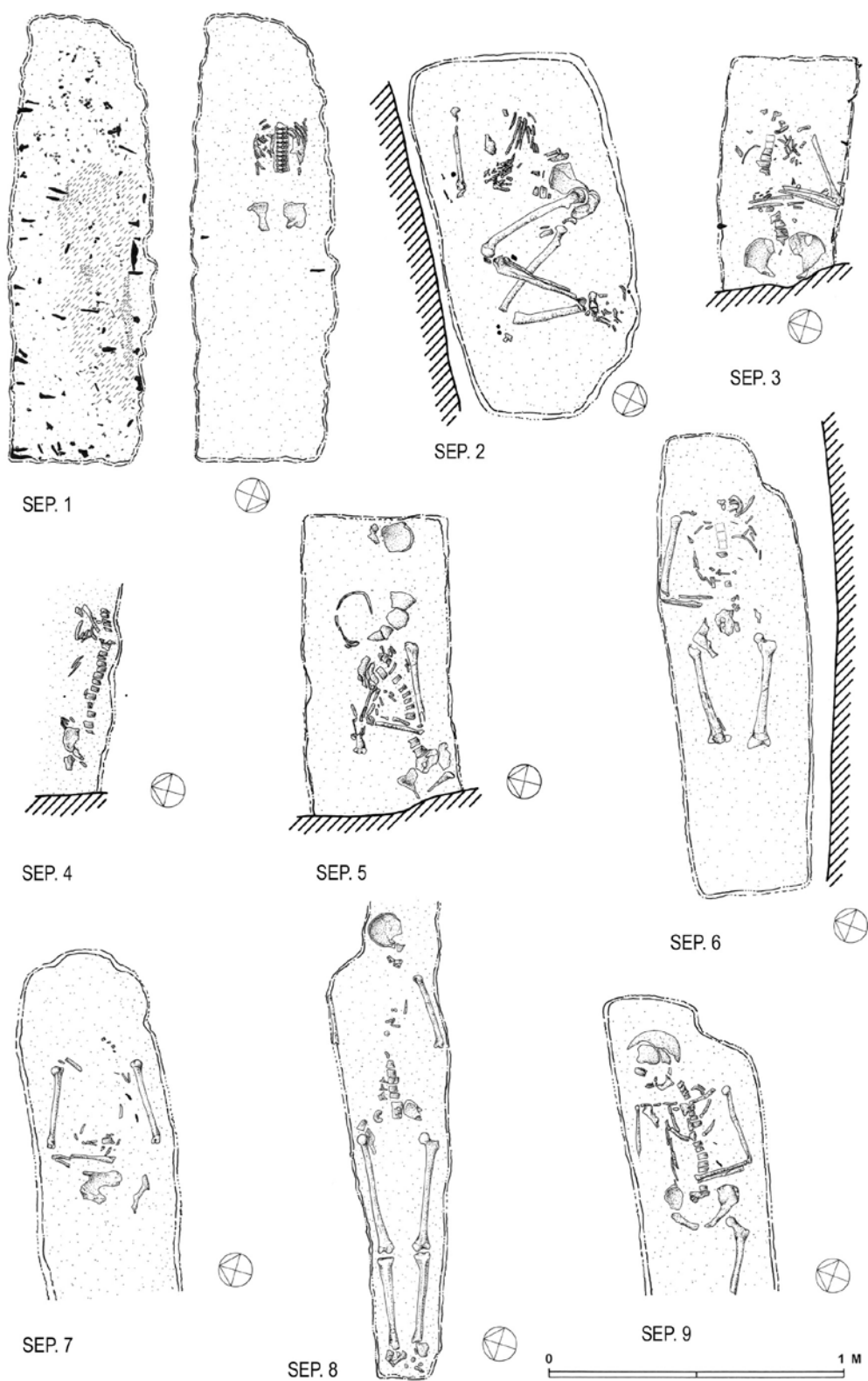


Figura 3 – Sepulturas 1 a 9 do Convento de Santana de Lisboa (lev. Ana Machado).

recolheram restos, assim como quarenta tachas de liga de cobre que fixavam o seu forro. Junto ao ombro esquerdo jaziam quatro medalhas, com contorno circular, de cobre/bronze, tendo-se ainda exumado pequena cruz, alfinetes e tachas de liga de cobre.

Sobrepunha a sepultura 10.

#### **Sepultura 12 (Q 172)**

Trata-se dos restos de inumação, possivelmente em fossa, orientada no sentido nordeste-sudoeste.

Conservavam-se apenas alguns ossos do crânio, do tronco e dos membros superiores, nomeadamente conjunto de costelas e de vértebras, ainda em conexão anatómica. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. Os braços encontrar-se-iam junto ao tronco.

Identificaram-se restos de madeira, um alfinete e dez tachas de forro de caixão, em liga de cobre.

#### **Sepultura 13 (Q 181)**

Trata-se de fossa, com planta de forma sub-rectangular, orientada no sentido norte-sul, medindo 0,80 m de comprimento e 0,60 m de largura máxima.

Os poucos testemunhos antropológicos, dois crânios e alguns ossos longos, encontravam-se muito deteriorados, nenhum estando em conexão anatómica. É possível que se trate de ossário.

Recolheram-se dois pequenos brincos, com forma de argola, de ouro, restos de madeira e cinco tachas de liga de cobre.

#### **Sepultura 14 (Qs 9 e 14)**

Trata-se de enterramento em fossa, com esquife de madeira, de que subsistiram os pregos, de ferro. Oferecia planta rectangular e media 1,50 m de comprimento por 0,52 m de largura, encontrando-se orientada no sentido nordeste-sudoeste. Foi truncada, na extremidade poente, por muro.

Os restos osteológicos reconhecidos, jaziam em *decubitus* dorsal, com os braços dobrados e cruzados sobre o peito, encontrando-se a cabeça dirigida para nordeste. Conservavam-se o crânio, diversos ossos do tronco e boa parte dos correspondentes aos membros.

Identificaram-se medalha com contorno oval, junto do ombro esquerdo, e porção de rosário, com contas de vidro, no braço direito. Também surgiu dente de tubarão, talvez procedente das formações miocénicas do sítio.

Foi sobreposta pela sepultura 3.

#### **Sepultura 15 (Q 201)**

Fossa, com planta de forma rectangular, orientada no sentido norte-sul, medindo 1,24 m de comprimento e 0,68 m de largura. Foi amputada por muro.

Os restos antropológicos encontravam-se muito deteriorados, correspondendo a inumação de que subsistiram alguns ossos longos dos membros inferiores, um deles ainda em conexão anatómica com parte da pélvis, assim como ossos de uma das mãos. Os restos antropológicos estavam parcialmente envolvidos por cal.

Recolheram-se três pequenas contas, de rosário, de osso, um alfinete, três medalhas, de liga de cobre, assim como meia centena de tachas e seis pares de colchetes naquele material, botão de madrepérola e quinze pregos de ferro.

#### **Sepultura 16 (Qs 200, 201, 207 e 208)**

Fossa funerária, orientada no sentido sul-norte, medindo a quando da escavação 1,20 m de comprimento e 0,50 m de largura.

Continha restos de inumação, muito possivelmente em esquife, dado terem-se identificado alguns pregos, parcialmente amputada, devido à construção de muros, tanto a nascente como a sul. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, com os braços cruzados sobre o peito e a cabeça dirigida para sul. Identificaram-se alguns ossos dos membros superiores e, sobretudo, ossos dos membros inferiores, dispostos em paralelo, mas convergindo nos pés.

Também se exumaram medalha e pequeno relicário, de prata e vidro, com contorno oval, junto aos ossos das mãos, seis alfinetes e trinta e três tachas em liga de cobre, assim como dois pregos de ferro.

#### **Sepultura 17 (Q 13)**

Fossa funerária que se distinguia mal, medindo a parte conservada cerca de 1,40 m de comprimento e 0,45 m de largura máxima na área mesial, encontrando-se orientada no sentido nascente-poente.

Continha restos de inumação, quase completa, dado faltar-lhe apenas a cabeça e parte do membro superior direito, devido à construção de parede, situada a nordeste. O corpo foi depositado em *decubitus* dorsal, com a cabeça voltada para nordeste. Os braços encontravam-se junto ao tronco, com as extremidades cruzadas sobre o ventre. As pernas estendidas convergiam nos pés, cujos ossos não se encontravam em conexão anatómica.

Não se detectaram vestígios de quaisquer artefactos.

Encontrava-se sob a sepultura 1.

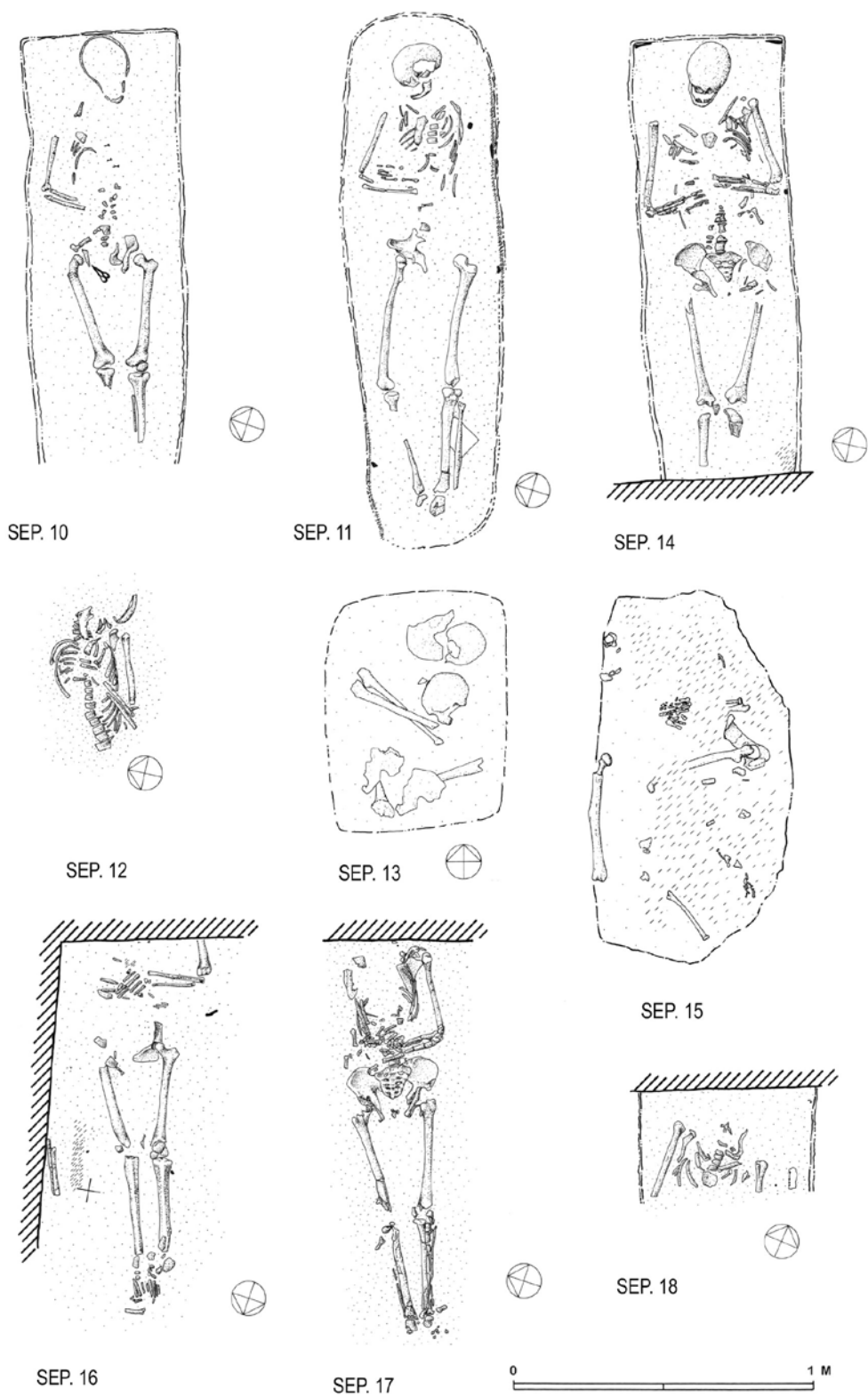


Figura 4 – Sepulturas 10 a 18 do Convento de Santana de Lisboa (lev. Ana Machado).

### Sepultura 18 (Qs 15 e 201)

Identificou-se apenas parte da fossa funerária, medindo 0,56 m de largura, devido à construção de infra-estruturas.

Da inumação somente subsistiam, em conexão anatómica, parte dos ossos dos membros superiores, algumas vértebras e costelas. A construção de parede, situada a noroeste, foi responsável pelo desaparecimento de parte da cintura escapular e do crânio, enquanto uma vala, no lado oposto, destruiu a metade inferior do esqueleto.

Recuperaram-se porção de tecido, quarenta e duas tachas, assim como par de colchetes, de liga de cobre, um prego de ferro e missangas (142).

## 4. OS ARTEFACTOS

### Esquifes

Foram recuperados múltiplos fragmentos de madeira dos esquifes, assim como se identificaram os negativos do contorno sub-retangular dos mesmos, além de duas pegas do que terá existido na sepultura 10. Estes apresentam forma ovalada, com as extremidades fixas em dois espelhos de contorno octogonal lobulado e foram produzidas em liga de cobre, mostrando ambas o eixo de fixação.

### Botão (madrepérola)

Identificou-se botão de madrepérola, artefactos que sabemos serem conhecidos na Ásia e Norte de África, depois usados na Europa, possivelmente a partir do século XV, oferecendo cronologias que alcançam o século XX. Os botões de madrepérola podem mostrar formas distintas, desde o disco simples, ao disco com bordo destacado, mais ou menos largo, mas quase todas elas apresentando duas perfurações para fixação e, mais tarde, quatro. Aqueles primeiros, com dois furos, foram datados em Sainte Augustine (Florida) no século XVIII (Deagan, 2002: 173). Os botões possuindo quatro perfurações, dispostas em quadrado, devem ser atribuídos aos séculos XIX-XX. Os botões tiveram, e têm, muitas vezes, duas funções, a fixação ou fecho de roupa sobre o corpo ou ornamental. Os botões, de concha ou madrepérola, só surgem nas colónias espanholas do Novo Mundo na segunda metade do século XVI, tendo principalmente aplicação militar, embora o seu uso se tenha tornado muito mais frequente após 1760 (Deagan, 2002: 157).

### Travessa de cabelo (carapaça de tartaruga)

A travessa de cabelo, da sepultura 5, produzida em ca-

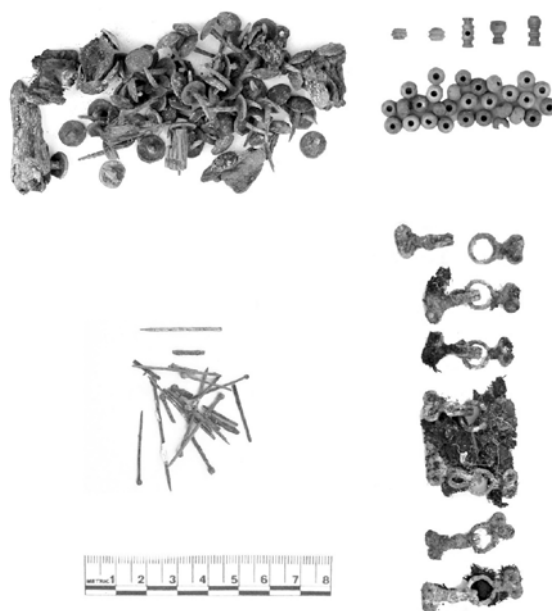


Figura 5 – Espólio da sepultura 1 (foto C. Boavida).

rapaça de tartaruga, possui dentes longos e afastados uns dos outros, sendo o corpo estreito. Mostra, claramente, que a sua utilização não provocava esforço que levasse à sua quebra fácil, pois embora prendendo o cabelo, servia, sobretudo, como elemento decorativo, próprio do mundo feminino.

Material considerado semi-precioso na Europa medieval e moderna, devido às suas origens exógenas, no Atlântico, onde tal quelónio é abundante nas águas tropicais, como no Índico ou Pacífico, a carapaça de tartaruga foi também apreciada devido ao seu aspecto, com manchas de tons diferentes, da cor amarela à castanha, sendo translúcida. Trabalhada facilmente quando aquecida, serviu para produzir caixas, de diferentes formas e dimensões, tal como utensílios e adornos, ou, ainda, foi aplicada em embutidos de mobiliário. Entre a utilização mais comum, nos países ibéricos, encontrava-se a produção de pentes, travessas, *peinetas* e *bandoletes*. Varetas de leque, de carapaça de tartaruga, foram encontradas no naufrágio do San José de las Animas, na costa da Florida, ocorrido em 1733 (Deagan, 2002: 219).

A exploração económica da tartaruga, durante o século XVII, nas ilhas do arquipélago de Cabo Verde, encontra-se documentada através da literatura e dos resultados decorrentes de trabalhos arqueológicos efectuados em dois concheiros identificados na ilha de São Vicente, nos sítios de Salamansa e João d'Évora, onde foram encontrados abundantes restos

osteológicos daquele animal (Rodrigues, 2000-2001; Cardoso *et alii*, 2002; Cardoso & Soares, 2010; Gomes, Casimiro & Gonçalves, 2012: 101). Não obstante, durante a Idade Moderna, a qualidade mais apreciada de carapaça de tartaruga correspondia à pescada nas Ilhas Maldivas e Filipinas.

Parte de uma travessa de cabelo, medindo 0,09 m de comprimento, foi recuperada, em nível atribuído ao século XVIII, do poço existente no edifício dos Paços do Concelho de Torres Vedras, constituindo excelente paralelo para a peça do Convento de Santana (Cardoso & Luna, 2012: 169, 171, fig. 32). (Figura 6)

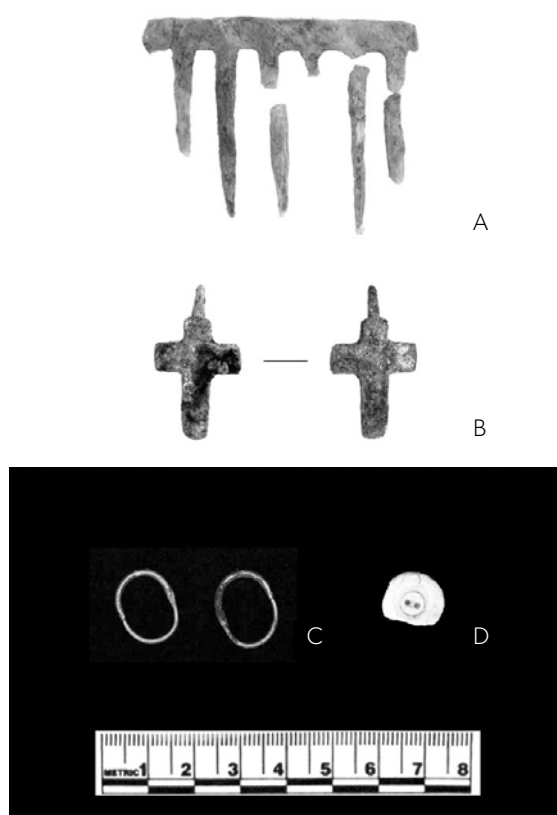


Figura 6 – A. Espólio da sepultura 5 (foto J. Gonçalves); B. Espólio da sepultura 11 (foto C. Boavida); C. Espólio da sepultura 13 (foto M. V. Gomes); D. Espólio da sepultura 15 (foto J. Gonçalves).

Dos artefactos elaborados a partir de carapaça de tartaruga, recolhidos nas escavações do Convento de Santana, as travessas e um pente apresentam aspecto escamado, algo decomposto e dúctil, enquanto uma bandolete se mantém bastante densa e rígida. Tal poderá advir, não só de aspectos tafonómicos mas também do facto de a matéria-prima utilizada na execução daqueles artefactos ter origem em diferentes espécies

de tartaruga, possuindo características físicas e formais distintas. Por exemplo, a tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriaces*, Vandelli 1761), é a maior das tartarugas e a sua carapaça é constituída por matéria semelhante ao couro, não servindo para produzir artefactos rígidos. Ao invés, a tartaruga-de-pente (*Eretmochelys imbricata*, Linnaeus 1766) ganhou esta nomeação precisamente por ser a mais comumente utilizada na execução de tais artefactos. Ela possui quatro pares de placas laterais imbricadas e cinco placas centrais, espessas e rígidas (Gomes, Gomes & Gonçalves, 2017: 98-100).

### Contas de osso

As contas de osso apresentam, em geral, acentuado polimorfismo, sendo comuns em contextos, nomeadamente monásticos e funerários. Elas acompanhavam os vivos e os mortos, sob a forma de terços ou rosários, mas também organizadas em colares e pulseiras, ou até integradas em brincos e cozidas a vestimentas, quando de muito pequenas dimensões.

No Convento de Santana de Lisboa, exumaram-se nas sepulturas e nas lixeiras contas de osso, na cor natural, com forma esférica, esférica achatada, ovóide, de diferentes dimensões, desde as muito pequenas, medindo 0,003 m de diâmetro até exemplares com 0,010 m de diâmetro. Algumas, mais raras, apresentam caneluras incisais. Constitui outro tipo de contas, embora com formas muito diversificadas, as que se têm vindo a considerar como contas-balaústre, que formariam braços de cruzes ou eventualmente pequenos botões. Elas também variam nas dimensões e oferecem molduras, cordões e incisões e, até, perfurações transversais. Estas contas obtidas ao torno, tal como as restantes de osso, eram igualmente utilizadas em terços e rosários, conforme se vê em reconstituição de terço, do século XVII, exumado na Igreja do Convento do Carmo de Lisboa e ali exposto (Ferreira & Neves, 2005: 609, n.º 1668), ou na Igreja da Misericórdia de Almada (Dias, Casimiro & Gonçalves, 2017: 1687-1688).

Sete sepulturas no Convento de Santana continham contas de osso, uma delas (sep. 1) guardava 35 exemplares, por certo de terço ou rosário.

São comuns em outros contextos religiosos, nomeadamente sepulcrais, as contas de rosários e terços, onde acompanhavam os defuntos, não raros colocados nas suas mãos. Elas surgiram, em abundância, na Igreja de Santa Maria do Castelo, de Torres Novas (escavações dirigidas por M. V. G.), em contextos datados do século XVI ao XVIII, assim como também

em diferentes edifícios religiosos de Lisboa (Ferreira & Neves, 2005: 609, n.º 1668; Cardoso, 2008: 276, 280-281, fig. 22), Coimbra (Mourão, 2004: 88 e 145, n.º 149-150, 157 e 176) ou Santarém (Arruda, Viegas e Almeida, 2002, p. 200, n.ºs 231-232), entre outros locais (Boavida, 2016: 397-398). Contas esféricas de osso, do século XVI, foram também recuperadas em Puerto Real (Florida) e dos séculos XVI a XVIII na missão de Sainte Augustine (Florida) (Deagan, 2002: 67).

### Alfinetes

Foram recolhidos cerca de uma centena de alfinetes, a maioria em liga de cobre, e oito, possivelmente, de prata, com cabeça enrolada. As dimensões dos exemplares completos variam, embora todos eles possam ser considerados de pequeno formato, pois o mais longo mede apenas 0,037 m de comprimento. A morfologia dos alfinetes das sepulturas do Convento de Santana encontra paralelos em diversos contextos nacionais e de outros países europeus, do século XIV ao XVIII.

Os alfinetes serviam na fixação da roupa, como acessórios, por vezes podendo fixar àquela elementos decorativos ou apotropaicos. Também foram aplicados no cabelo e para a ele prender adereços. O incremento do seu uso em Inglaterra ocorreu no século XIV, podendo ter igualmente acontecido em Portugal (Egan & Pritchard, 1991: 297). Em diversos países da Europa, nos finais da Idade Média e durante a Idade Moderna, os alfinetes foram usados pelo género feminino após a puberdade, alcançando o século XX a tradição de os namorados oferecerem, em sinal de amor, alfinetes às jovens de quem gostavam, servindo como talismãs e de símbolos fálicos (Palla, 2013: 53).

Contudo, dado o presente contexto, julgamos que, pelo menos, grande parte deles serviu no amortalhamento dos cadáveres, prática que se tem observado, principalmente durante os séculos XVI e XVII, sendo por vezes conhecidos por “alfinetes de mortalha” ou de sudário. Todavia, não podemos afastar a hipótese de terem igualmente servido na fixação de vestimentas dos santos e dos paramentos da igreja onde se encontravam.

F. Martins Sarmento (1998: 59, 91) relata a prática, corrente ainda no século XIX no Norte de Portugal, de se pregarem alfinetes nas vestes dos mortos, considerados bons (*anjinhas*) para não se esquecerem de, no Céu, pedirem por aqueles que os colocavam. Ainda nos nossos dias, na Região do Barroso (Trás-os-Montes), quando morre criança (*anjinho*) ou rapariga donzela pregam alfinetes, rosas e cruzeiros de pano à

mortalha, para que se “*lembrem no céu de quem dá tais prendas*” (Fonte & Fontes, 2005: 152).

Procede do castelo de Castelo Branco conjunto de “alfinetes de mortalha”, com cabeça enrolada, idênticos aos agora publicados (Boavida, 2016: 395-396). Outro conjunto foi exumado na igreja de Santa Maria do Castelo de Torres Novas, conhecendo-se outros exemplares procedentes tanto de áreas habitacionais (Palmela, Portel, Castelo Novo), como de necrópoles (Penamacor, Santa Clara-a-Velha de Coimbra, Convento de Santo António na Sertã, Convento de Jesus de Lisboa, igreja de Nossa Senhora da Conceição no Cadaval) (cit. Boavida, 2016: 395, 397).

Alfinetes semelhantes aos acima descritos são abundantes em outros pontos da Europa, conhecendo-se, ainda, em locais onde houve presença de europeus, tanto de África como do continente americano. Em zona onde parece terem ocorrido diferentes naufrágios (La Belle, 1686; Sea Venture, 1609; Lastrager, 1656) frente à antiga feitoria portuguesa de Elmina (Gana), foram recolhidos dezassete exemplares em liga de cobre, com cabeça correspondendo a enrolamento de arame, medindo cerca de 0,050 m de comprimento cada, possuindo cronologia incerta, devido à sua associação a espólios que abrangem período do século XVII ao século XIX (Cook, 2012& 198-201).

Na então colónia inglesa de Jamestown (Virgínia, USA) surgiu o tipo de alfinetes identificado no Convento de Santana, integrando contextos do século XVII (Cotter & Hudson, 1957: 51).

### Colchetes

Os colchetes, bem representados na sepultura 1, mas também presentes em outras, eram feitos em arame de cobre ou latão, sendo cozidos à roupa, servindo para juntar aberturas de diferentes vestes ou as abotoar, nomeadamente as femininas. Os colchetes oferecem duas formas, uma designada macho, provida de gancho, e a outra fêmea, em argola ou aro, e só funcionam existindo tais pares.

### Tachas

Recolheram-se em várias sepulturas, ultrapassando o seu número mais de cinco centenas, foram produzidas em liga de cobre e apresentando as cabeças hemisféricas. Trata-se de elementos com larga aplicação, tanto de carácter utilitário como ornamental, servindo principalmente na fixação de têxteis e peles a suportes de madeira, mas também na ornamentação de móveis variados e de diversos adereços de vestuário. Durante os séculos XVII e XVIII a ornamentação de diferentes

peças de mobiliário, com tachas de latão teve grande difusão, designadamente quando tal pregaria era associada a elementos de cabedal gravados. Os exemplares recuperados nas sepulturas do Convento de Santana foram utilizados para fixar os forros de tecido dos esquifes, mostrando alguns deles vestígios de tais têxteis e, até, pedaços da madeira a que foram pregados.

### Brincos

O par de brincos de ouro da sepultura 13 constitui jóia muito singela e recorrente, dado circunscrever-se a arame de contorno circular. Não mostra marca de contraste ou de ourives. Pouco se pode dizer sobre tais adereços e só o hábito de despojar os cadáveres de jóias parece aqui constituir excepção. Todavia, um de nós (M. V. G.) encontrou brinco constituído por arame de ouro com contorno oval, mas atravessando esfera oca, do mesmo metal, em ambiente funerário da Igreja de Nossa Senhora do Castelo de Torres Novas.

### Cruz

Trata-se de cruz latina, que possivelmente integrou terço, semelhante a exemplares com a imagem de Cristo crucificado. Estes foram muito usados por portugueses e espanhóis desde os finais do século XV. Um pequeno crucifixo deste tipo provém da Igreja de Nossa Senhora do Castelo, de Torres Novas (escav. M.

V. G.), e um outro do castelo de Castelo Branco (Boavida, 2016: 400-401), conhecendo-se exemplar de La Isabella (República Dominicana), datado de ca de 1493-1498 (Deagan, 2002: 57, fig. 4.14).

### Medalhas

As medalhas devocionais fizeram parte dos espólios funerários, pregadas em roupa, integradas em fios, usadas ao pescoço, e principalmente em rosários ou terços.

Em parte sucessoras dos emblemas e insígnias de peregrinação, as medalhas, obtidas por cunhagem e comuns sobretudo a partir do século XVI, constituíam objectos pessoais ou de uso individual, sendo habitualmente benzidas pelos bispos das dioceses, na continuação de prática iniciada pelo Papa Pio V e vendidas ou oferecidas nas igrejas e conventos. Além dos aspectos devocionais, tinham como função a protecção, de quem as usava, de doenças, da peste, de maus-olhados, de invejas, etc., e também na vida do Além.

Número significativo das sepulturas do Convento de Santana entregou pequenas medalhas, de contorno circular, oval ou octogonal, fabricadas em liga de cobre. Na maioria dos casos surgiu apenas uma medalha por sepultura (sep. 1, 2, 4, 5, 8 e 11), embora na sepultura 15 se tenham recolhido três exemplares, um deles com oito missangas, de cor branca, agregadas (Figura 7).

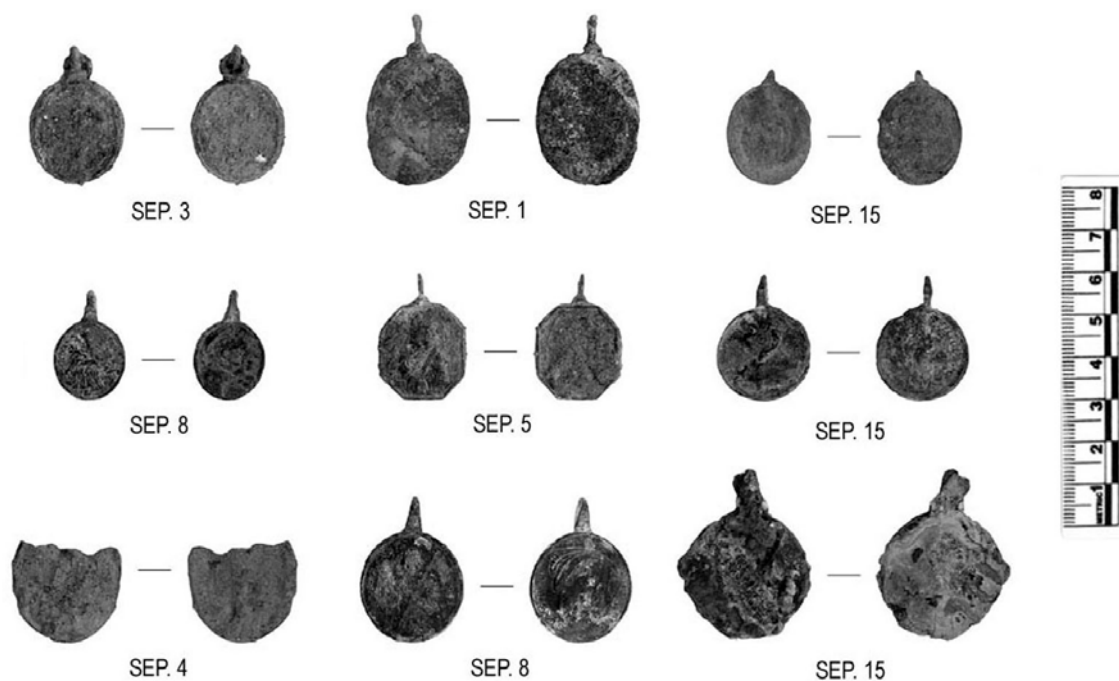


Figura 7 – Medalhas de diversas sepulturas (foto C. Boavida).

O estado de conservação deficitário daquele espólio, nem sempre permitiu aferir quais as invocações nele representadas, onde se destacam, além de Nossa Senhora da Conceição, a custódia radiante associada à sigla IHS, usada como símbolo da Companhia de Jesus. Foram igualmente identificadas representações de S. José, S. Anastácio, S. Inácio de Loyola e S. Francisco Xavier.

O Menino Jesus foi figurado em exemplar onde acompanha santo jesuíta (Inácio de Loyola ou Francisco Xavier?). Estes santos encontram-se também representados em medalhas descobertas nas escavações arqueológicas decorridas no convento de Santa Clara-a-Velha (Mourão, 2005-07: 329, 338, 340, 341, 347, 349, 351).

Tais objectos devocionais são frequentes em outras necrópoles encontradas na cidade de Lisboa, atribuídas aos séculos XVII e XVIII, como sucede nos Conventos do Carmo e de Jesus, no Mosteiro de São Vicente de Fora ou na Igreja da Misericórdia de Almada (Ferreira, 1983: 34-35; Ferreira & Neves, 2005: 604-605; Cardoso, 2008: 281; Dias, Casimiro & Gonçalves, 2017: 1689).

Além de poderem estar cosidas directamente na roupa, tais peças podiam estar integradas em terços ou rosários, como provavelmente sucederia com a pequena cruz recolhida na sepultura 11 e a que já nos referimos. Pelo menos quatro pinturas de Josefa de Óbidos mostram medalhas incluídas em terços e/ou rosários, nomeadamente três da Série da Vida de Santa Teresa de Jesus, conjunto retabular actualmente na Igreja Matriz de Cascais (*Santa Teresa Doutora Mística, Inspirada pelo Espírito Santo, Santa Teresa Esposa Mística e Santa Teresa Diante da Santíssima Trindade*) e, igualmente presente da Igreja Matriz de Cascais, a tela *Visão de S. João da Cruz* (Serrão, 1993: 182, 183, 187, 188, 192, 193).

### Tesoura

A pequena tesoura de ferro, encontrada na sepultura 10, corresponde a modelo usado na costura ou na feitura de bordados e malhas. Exemplares diversos mostram adaptações funcionais, desde os usados na cozinha, na medicina, aos próprios das actividades artesanais e/ou industriais, utilizados por alfaiates, sapateiros, latoeiros, tosquiadores, podadores, etc.

A forma da tesoura do Convento de Santana, com lâminas curtas, braços longos e pequenas argolas, ascende ao século XVI, conforme exemplar de Puerto Real (Haiti) (Deagan, 2002: 207, fig. 10.23), período em que tanto as tesouras francesas como italianas ha-

veriam de experimentar longa exportação para o resto da Europa e Novo Mundo, alcançando o século XVIII (Deagan, 2002: 206). Três tesouras foram encontradas no interior dos silos do Largo do Coreto, em Carnide, cujo abandono terá ocorrido no final do século XVI ou na primeira metade da centúria seguinte (Boavida, 2017: 1824-1825 e 1833, figs. 7C/7D/7E).

A presença de tesoura na sepultura 10 do Convento de Santana sugere algumas hipóteses que a tentem explicar. Assim, ela pode ter sido simplesmente esquecida, quando do amortalhamento e deposição do cadáver no caixão ou propositadamente ali colocada tendo em conta o carácter apotropaico de tais utensílios. Recordemos que se acreditava popularmente que a tesoura, por ter pontas aguçadas, podia afastar os maus-olhados e o mal em geral. O erudito arqueólogo e etnólogo F. Martins Sarmiento (1998: 55) regista, nos finais do século XIX, a crença popular de que *"Faca, tesoura, ou coisa de aço. Metida por debaixo do travesseiro livra das bruxas"*. E ainda hoje muita gente acredita que se pode defender do mal abrindo uma tesoura na direcção de onde se supõe que ele virá, prática até usada por uma professora universitária. Igualmente, mantém-se até à actualidade o uso de colocar uma tesoura aberta, sob o colchão do bebé que durma mal ou não durma, na crença de afastar o mal dos sonhos e assim permitir que a criança adormeça profundamente.

### Arames

Em algumas sepulturas surgiram, junto à cabeça dos inumados, troços de finos arames de cobre, por vezes associados a restos de fios têxteis. Embora tais testemunhos não evidenciem a sua função, podemos colocar a hipótese de corresponderem a restos de armações de coroas ou de diademas, constituídos por flores verdadeiras ou de tecido, documentadas em pinturas e gravuras que retratam religiosas mortas. Trata-se de simbologia que enaltecia, na morte, quem durante a vida possuía altos valores espirituais e nomeadamente obedecia às regras relativas à fé, obediência e castidade, praticando o bem.

Evidências destas armações foram identificadas igualmente em sepulturas intervencionadas no claustro do Convento de Jesus, em Setúbal, atribuídas ao terceiro quartel do século XVIII (Antunes-Ferreira & Cândido, 2017: 1672).

### Contas de vidro

Duas sepulturas do Convento de Santana continham contas de vidro (sepulturas 5 e 7), sendo comuns em

outros contextos religiosos, nomeadamente sepulcrais, onde rosários e terços, com tais contas acompanhavam os defuntos.

Contas de vidro translúcido, ou de pasta vítrea, foram consideradas, durante a história da Humanidade, como elementos apotropaicos, capazes de protegerem contra o mau-olhado. Contas facetadas, mas também outras, eram conhecidas em Itália como “*vetri del malochio*” (Hildburgh, 1913: 68).

As contas de pasta vítrea, de muito pequenas dimensões, designadas por missangas, apresentam forma esférica achatada ou cilíndrica, tendo-se exumado exemplares de cor branca.

Aquelas foram usadas na Europa, em rosários e adereços diversos, aplicadas sobre peças de vestuário, a partir do século XVI e sobretudo durante a centúria seguinte. A Europa exportou grandes quantidades de missangas para África, América e Ásia, sendo muito apreciadas entre as populações autóctones de tais continentes, chegando mesmo a incluírem-se nos seus sistemas paleomonetários.

Contaria de diferentes categorias fazia parte, em 1526, das mercadorias que o navio Santiago, depois de fazer escala em Cabo Verde, arribou ao rio da Guiné para com elas adquirirem-se sobretudo escravos (Mota, 1969). “*Contaria miúda preta e branca*” era trocada, segundo Francisco de Lemos Coelho (1990: 111), entre 1669 e 1684 por “*couro, cera e marfim*” na barra do rio Gâmbia. Os mesmos produtos e escravos podiam ser adquiridos através da troca por “*ferro e conta avelório miúda, de cor preta, branca e cor de telha*”, entre os Felupes de Casamansa e no reino de Jasé (Coelho, 1990: 141, 143). As contas avelório miúdas correspondem a missangas e com elas podia-se adquirir outros produtos, como o arroz, na zona de Borrancheira na Guiné (Coelho, 1990: 228).

Os principais centros europeus produtores de contas de pasta vítrea situavam-se, durante o século XVI, em Veneza, Nuremberga, Boémia (República Checa), Haarlem, Amesterdão e Roterdão, tendo florescido na centúria seguinte (Jargstorf, 1995: 72-74).

Em Amesterdão, tal indústria, que produziu missangas muito semelhantes às no Convento de Santana, funcionou entre 1580 e 1750 (Dubin, 1987: 112-113). Missangas, ainda do mesmo tipo provêm de espólio de naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde), ocorrido nos últimos anos do século XVII ou nos inícios do século seguinte (Gomes, Casimiro & Gonçalves, 2012: 73, 94-96), assim como da Igreja de Santa Maria do Castelo, em Torres Novas (escav. de M. V. Gomes).

A preferência por missangas de cores claras e, nomeadamente, pelas brancas, deve-se ao simbolismo daquela cor, desde cedo na Europa conotada com a pureza, como pelo facto de melhor sobressair na pele ou em tecidos escuros.

## 5. CONCLUSÕES

O ritual funerário observado corresponde a inumações em fossa, abertas nas alas do claustro e a maioria (15), aproximadamente orientadas no sentido nascente-poente, ou norte-sul (3), tendo os corpos sido depositados estendidos, em *decubitus* dorsal, com as cabeças voltadas para aquela primeira direcção ou para a última. Os braços localizavam-se aos lados do tronco e os antebraços surgiram em alguns casos ainda aos lados do tronco mas, também, cruzados sobre o peito ou sobre o ventre, com as mãos unidas.

Em apenas um caso (sep. 2), o corpo encontrava-se em *decubitus* lateral, disposto no sentido sul-norte, com os braços dobrados sobre o peito e as pernas flectidas, na posição contraída ou fetal.

Sobre os restos antropológicos surgiram pedaços de cal e, por vezes, observaram-se pregos, de ferro, que poderão pertencer aos esquifes de madeira, um dos quais denunciado pelas pegas metálicas. Contudo, os testemunhos arqueológicos disponíveis indicam que a maioria dos inumados foram depositados nas fossas funerárias apenas envolvidos por mortalha, correspondendo a indivíduos do sexo feminino e, portanto, a religiosas ou ao pessoal daquele mesmo género que prestava serviço no grande convento lisboeta.

O espólio que acompanhava os cadáveres não é numeroso, contrastando com a abundância e o luxo das cerâmicas de mesa, dos vidros requintados e dos manjares que muitos testemunhos arqueológicos evidenciam conhecendo-se, através de informação literária, ter sido o Convento de Santana de Lisboa um dos maiores e mais abastados do país (Viegas, 1893: 65; Pires de Lima, 1972: 360-361; Monteiro, 2005: 51). Será que a morte exigia despojamento material para que todos surgissem iguais perante o Criador? As frivolidades e prazeres mundanos, as materialidades luxuosas e os gostos requintados, que sabemos terem existido nas instituições conventuais femininas, designadamente nos séculos XVII e XVIII, apagavam-se com a incontornável verdade a que todos a morte e o temor a Deus impõem.



Figura 8 – A. Sepultura 14 (foto C. Estrela); B. Sepultura 17 (foto C. Estrela).

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; CÂNDIDO, Maria João (2017) – “A ala Nascente do claustro do Convento de Jesus de Setúbal: resultados da intervenção arqueológica de 2015/2016” in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1667-1674.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, M. José (coord.) (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Instituto Português de Museus.

BOAVIDA, Carlos (2016) – “Objectos de uso pessoal medievais e modernos do castelo de Castelo Branco” in VILAÇA, R. (coord.) *Actas do II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, pp. 391-405.

BOAVIDA, Carlos (2017) – “Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa)” in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1821-1834.

CARDOSO, Guilherme; LUNA, Isabel (2012) – “Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII:

Um olhar através dos objectos do poço dos Paços do Concelho” in TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Vol. 1. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, pp. 163-172.

CARDOSO, João Luís (2008) – Resultados das escavações arqueológicas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Julho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 11:1, pp. 259-284.

CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge (2010) – A estação arqueológica de Salamansa (Ilha de São Vicente, República de Cabo Verde). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13, pp. 167-214.

CARDOSO, João Luís; SOARES, António Manuel Monge; REINER, Francisco; GUERREIRO, António; BARRADAS Carlos; COSTA Ricardo; CARVALHO, Carlos (2002) – O concheiro de Salamansa (Ilha de São Vicente, arquipélago de Cabo Verde): nota preliminar. *Portugália*. Nova Série – XXIII, pp. 221-231.

COELHO, Francisco de Lemos (1990) – *Duas Descrições Seiscenistas da Guiné*. Lisboa: Academia Portuguesa da História.

COOK, Gregory David (2012) – *The Maritime Archaeology Of West Africa In The Atlantic World: Investigations At Elmina, Ghana*. Anthropology Dissertations 99. Syracuse: Syracuse University.

- COTTER, John Lambert; HUDSON, Jean Paul (1957) – *New Discoveries at Jamestown. Site of the First Successful English Settlement in America*. Washington, D.C.: United States Department of the Interior.
- DEAGAN, Kathleen (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean, 1500-1800. Vol. II, Portable Personal Possessions*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press.
- DIAS, Vanessa; CASIMIRO, Tânia Manuel; GONÇALVES, Joana (2017) – “Os bens terrenos da Igreja da Misericórdia (Almada) – Séculos XVI-XVIII” in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1675-1689.
- DUBIN, Lois Sherr (1987) – *The History of Beads: From 30,000 B.C. to the Present*. New York: Harry N. Abrams Inc.
- EGAN, Geoff; PRITCHARD, Frances (1991) – *Dress Accessories, c. 1150-1450. Medieval Finds from Excavations in London, 3*. London: Museum of London.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues (1983) – Escavação do ossário de São Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal*. Série II – 4, pp. 5-36.
- FERREIRA, Fernando Eduardo Rodrigues; NEVES, Maria da Conceição M. (2005) – “Intervenção Arqueológica na Igreja do Convento do Carmo” in ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (coord.) – *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 580-609.
- FONTE, Barroso da; FONTES, António (2005) – *Usos e Costumes do Barroso*. Lisboa: Âncora Editora.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; GONÇALVES, Joana (2017) – “Objectos produzidos em matérias duras de origem animal, do Convento de Santana, de Lisboa” in CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo B. (coord.) *Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, pp. 85-105.
- GOMES, Mário Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel; GONÇALVES, Joana (2012) – *Espólio do Naufrágio da Ponta do Leme Velho (Ilha do Sal, Cabo Verde). Contributo para a Arqueologia da Expansão*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2007) – Escavações arqueológicas no Convento de Santana, em Lisboa. Resultados Preliminares. *Olisipo*, II série – 27, pp. 75-92.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2015) – “Convents, monasteries and porcelain: a case study of Santana Convent, Lisbon” in Jaume BUXEDA I GARRIGÓS, J.; MADRID I FERNÁNDEZ, M.; IÑÁÑEZ, J. G. (edit.) *Global Pottery. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. British Archaeological Reports, I.S. 2761. Oxford: Archaeopress, pp. 93-101.
- GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela; CASIMIRO, Tânia Manuel (2016) – “Portuguese faience in Santana Convent, Lisbon” in GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M.; GOMES, M. V. (edit.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16<sup>th</sup>-19<sup>th</sup> Centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa, pp. 79-90.
- GOMES, Rosa Varela; GOMES, Mário Varela; ALMEIDA, Mariana; BOAVIDA, Carlos; NEVES, Dário; HAMILTON, Kierstin; SANTOS, Carolina (2013) – “Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da Fossa 7” in ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coord.) *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- HILDBURGH, Walter Leo (1913) – Further notes on Spanish amulets. *Folklore*, 24(1). Oxfordshire, pp. 63-74.
- JARGSTORF, Sibylle (1995) – *Glass Beads from Europe: With Value Guide*. Atglen: Shiffer Publishing Ltd.
- LINNAEUS, C. (1758) – *SYSTEMA NATURAE per REGNA TRIA NATURAE, secundum CLASSES, ORDINES, GENERA, SPECIES, cum CHARACTERIBUS, DIFFERENTIIS. SYNONYMYS, LOCIS*, Tomus I, Editio Decima, Reformata. Holmiae: Impensis Direct., Laurentii Salvii.
- MONTEIRO, Patrícia Alexandra R. (2005) – Efeitos do Terramoto de 1755 nos conventos de Lisboa: Os casos dos conventos de Sant’Ana e de N.ª Sr.ª da Conceição de Agostinhas Descalças (Grilas). *Olisipo*, II Série – 22/23, pp. 50-61.
- MOTA, Avelino Teixeira da (1969) – A viagem do Navio Santiago à Serra Leoa e Rio de São Domingos em 1526. *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, XXIV(95), pp. 529-579.
- MOURÃO, Teresa P. S. M. (2005-07) – As medalhas religiosas de Santa Clara-a-Velha. *Nvmms*, 2.ª série, XXVIII-XXX, pp. 315-351.
- MOURÃO, Teresa P. S. M. (2004) – *Entre murmúrios e orações: Aspectos da vida quotidiana do Convento de Santa-Clara-a-Velha captados através do espólio funerário (séc. XVI e XVII)*. Vol. I. Tese de Mestrado em Museologia e Património Cultural. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- PALLA, Maria Antónia (2013) – *Le Corps et le Vêtement. Mythes, Rituelles et Saisons. Étude Lexicale de la Mise en Scène de l’Habit et de la Parure dans Gil Vicente*. Lisboa: Centro de História da Cultura/Universidade Nova de Lisboa.
- PIRES DE LIMA, Durval (ed.) (1972) – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, t. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- RODRIGUES, Maria da Conceição (2000-2001) – Contribuição para o estudo de estações arqueohistóricas em Cabo Verde. Os concheiros de Salamanca e João d’Évora, Ilha de S. Vicente. *Portugália*, Nova série, XXI-XXII, pp. 249-280.
- SARMENTO, Francisco Martins (1998) – *Antiqua. Tradições e Contos Populares*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

SERRÃO, Vítor (1993) – Josefa de Óbidos e o Tempo Barroco. Lisboa: Telefones de Lisboa e Porto / Instituto Português do Património Cultural.

VANDELLI, D. (1761) – TRACTATUS DE THERMIS AGRÍ PATAVINI. Accessit Bibliotheca Hydrographica, & Apologia, contra cel: Hal-lerum, Patavii – Ex Typographia Konzatti, Superiorum Permissu.

VIEGAS, P.e Sebastião de Almeida (1893) – A Verdade Acerca dos Ossos de Luiz de Camões. Lisboa: Academia Real das Sciencias.

VIEIRA DA SILVA, Augusto (1950) – Plantas Topográficas de Lisboa. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

## ANEXO

| Sepulturas | Materiais  |            |        |        |        |          |                   |                    |        |        |        |        | Tartaruga e Madrepérola |
|------------|------------|------------|--------|--------|--------|----------|-------------------|--------------------|--------|--------|--------|--------|-------------------------|
|            | Têxteis    | Madeira    | Osso   | Vidro  | Metal  |          |                   |                    |        |        |        | Vários |                         |
|            | Fragmentos | Fragmentos | Contas | Contas | Pregos | Medalhas | Alfinetes         | Pares de colchetes | Tachas | Arares | Outros | Indet. | Outros                  |
| 1          | x          | x          | 35     |        | 1      | 1        | 15                | 10,5               | 233    |        |        | 1      |                         |
| 2          |            |            |        |        |        |          | x                 |                    |        |        |        |        |                         |
| 3          |            | x          | 2      | x      |        | 1        | 6                 |                    | 4      | 6      |        | 5      |                         |
| 4          |            | x          | x      | 12     |        | 1        | 3                 | 1                  | 6      |        |        | 1      |                         |
| 5          | x          |            | x      |        | 17     | 1        | 1                 | 2,5                | 2      |        |        |        | 1 (1)                   |
| 6          | x          | x          | 1      | 153+18 |        |          | 17/4 <sup>p</sup> |                    | 24     |        |        | 2      |                         |
| 7          | x          |            | 1      |        |        |          | 6                 | 1                  |        | 4      |        |        |                         |
| 8          | x          | x          |        |        | 1      | 2        |                   |                    | 23     |        |        | 1      |                         |
| 9          | x          | x          |        |        | 3      |          | 26                | 2                  | 21     |        |        | 8      |                         |
| 10         | x          | x          |        |        |        |          | 13/2 <sup>p</sup> | 4,5                | 32     |        | 3 (2)  |        |                         |
| 11         | x          | x          |        |        | 9      |          | 2                 |                    | 40     |        | 1 (3)  |        |                         |
| 12         | x          | x          |        |        |        |          | 1                 |                    | 10     |        |        |        |                         |
| 13         | x          | x          |        |        |        |          |                   |                    | 5      |        | 2 (4)  | 1      |                         |
| 14         |            |            |        |        |        |          |                   |                    |        |        |        |        |                         |
| 15         | x          | x          | 3      |        | 15     | 3        | 1                 | 6                  | 52     |        |        | 4      | 1 (5)                   |
| 16         | x          | x          |        |        | 2      | x        | 6                 |                    | 33     |        | 1 (6)  | 4      |                         |
| 17         |            |            |        |        |        |          |                   |                    |        |        |        |        |                         |
| 18         | x          | x          |        | 165+18 | 1      |          |                   | 1                  | 42     |        |        | 1      |                         |
| Total      |            |            | 12     |        | 49     | 9        | 97                | 28,5               | 527    | 10     | 7      | 28     | 20                      |

(1) Travessa de cabelo em carapaça de tartaruga; (2) Tesoura de ferro e duas pegas de caixão de liga de cobre; (3) Cruz de liga de cobre; (4) Par de brincos de ouro; (5) Botão de madrepérola; (6) Relicário de prata; (P) Prata.

Tabela 1 – Sepulturas e espólios.



